



A CATEGORIA DE EMPODERAMENTO SOCIAL NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Márie dos Santos Ferreira *

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar a categoria de empoderamento social no contexto da educação de jovens e adultos (EJA), segundo o pensamento de Paulo Freire. Este estudo deu-se como parte da minha tese sobre *La representación social de escuela para los alumnos de los Centros de Educación de Jóvenes y Adultos (CEJAs) de la ciudad de Fortaleza - Ceará, Brasil: una convergencia entre la educación escolar semipresencial y la búsqueda del rescate de la autoestima y del empoderamiento social*. A reflexão filosófica sobre a categoria de empoderamento social no pensamento de Paulo Freire tem sido de grande relevância para a compreensão de como as relações estabelecidas no processo de aprendizagem podem contribuir para o desenvolvimento emancipatório dos alunos e alunas jovens e adultos. Nesse sentido, prioriza-se nesse artigo a abordagem freiriana sobre o poder de uma educação orientada para a criação de disposições dialógicas e reflexivas, em prol do pensamento crítico e da práxis libertadora como forma de empoderamento social.

Palavras-chave: Paulo Freire, Empoderamento Social, EJA, Dialógico, Libertadora.

THE CATEGORY OF SOCIAL EMPOWERMENT IN PAULO FREIRE'S THOUGHT

Abstract

This article aims to present the category of social empowerment in the context of youth and adult education (EJA), according to the thinking of Paulo Freire. This study took place as part of my thesis on *The social representation of school for the students of the Youth and Adult Education Centers (CEJAs) in the city of Fortaleza - Ceará, Brazil: a convergence between semi-presential school education and the search for the restoration of self-esteem and social empowerment*. Philosophical reflection on the category of social empowerment in Paulo Freire's thinking has been of great relevance to understanding how the relationships established in the learning process can contribute to the emancipatory development of young and adult students. In this sense, this article prioritizes Freire's approach to the power of an education oriented towards the creation of dialogic and reflective dispositions, in favor of critical thinking and liberating praxis as a form of social

* Doutora em Psicologia Social pela Universidad Argentina John F. Kennedy – UK. Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Professora de Filosofia no CEJA Paulo Freire - Rede Pública de Educação do Ceará.



empowerment.

Keywords: Paulo Freire, Social Empowerment, EJA, Dialogic, Liberating.

Introdução

A reflexão sobre a categoria de empoderamento social na formação básica de jovens e adultos tem sido de grande significância para a compreensão de como as relações estabelecidas no processo de aprendizagem podem contribuir para o empoderamento emancipatório dos alunos e alunas da educação de jovens e adultos - EJA.

A abordagem dessa categoria no pensamento de Paulo Freire (1986) se dá por sua fundamental contribuição, como filósofo e pedagogo, à educação como um todo e de modo especial à educação de jovens e adultos (EJA), tanto no Brasil e no mundo, como ativista da dignidade humana e social, e ainda, por sua pedagogia dialética e dialógica em prol do estímulo ao pensamento crítico e à *práxis* libertadora.

Nesse contexto, busca-se nesse artigo analisar a contribuição teórica de Paulo Freire relacionada à categoria de empoderamento social no contexto da educação de jovens e adultos (EJA) elucidando a importância de seu pensamento crítico-dialógico e emancipatório em prol de uma educação libertária.

O pensamento de Paulo Freire

Considerando a educação como um caminho para o enfrentamento dos desafios impostos ao homem na atualidade, encontra-se no pensamento de Paulo Freire uma base teórica e metodológica substancial que orienta e dá relevância aos estudos e pesquisas voltados para a educação como processo de formação de cidadãos reflexivos, conscientes e autônomos.

Por compreender o sujeito como um ser criativo e transformador de seu meio, o pensamento freiriano ancora-se principalmente na importância da dialogicidade como caminho de construção de uma educação crítica e emancipadora. Segundo Gadotti (1999), a pedagogia do diálogo que Freire concebia e praticava fundamentava-se numa filosofia



pluralista, em que, mesmo tendo um ponto de vista, e a partir deste, ele dialogava com os demais. E com essa atitude dialógica ele mantinha a coerência da sua prática com a sua teoria. Por isso, ele era acima de tudo um grande humanista.

Por ser um pensador comprometido com a dignidade da vida, Freire não pensa ideias, pensa a existência. Seu pensamento se traduz numa pedagogia em que o esforço totalizador da *práxis* humana busca concretizar-se como prática da liberdade.

Em sua obra, *Educação como prática da liberdade* (1999), Freire defende uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre dos educandos. Por isso o seu pensamento tem um valor fundamental para a compreensão do protagonismo discente no processo educacional de jovens e adultos.

Ele nos propõe refletir sobre as formas de abordagem com os educandos e sobre a importância do engajamento desses no processo de aprendizagem e conscientização de si mesmos como sujeitos de sua própria construção educativa. Sobre isso ele afirma:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador, e entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer (FREIRE, 2003, p. 47).

Nesse processo Freire enfoca ainda algumas reflexões importantes, tais como: o ato de ensinar é uma “via de duas mãos”, ou seja, não há como ensinar sem considerar o educando como um sujeito. Neste aspecto, ele nos alerta para a importância da relação entre educador e educando, como uma relação dialógica entre sujeitos constituídos de cultura, conhecimentos prévios e valores, em que os indivíduos estão se formando mutuamente.

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), Paulo Freire discorre, no primeiro capítulo, sobre a seguinte expressão: “não há docência sem discência”. Aqui ele se refere aos saberes que devem ser praticados a todos os modelos de ensino, sejam eles críticos, progressistas ou conservadores, considerando que sempre há necessidade de reflexões críticas sobre as práticas de ensino e sobre a relação teoria e prática. Ele argumenta que faz parte da tarefa docente não apenas a exposição dos conteúdos, mas também o ensinar a



pensar.

Por essa razão, em *Pedagogia do oprimido* (1987, p. 67) Freire considera que “o pensar do educador só ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação”. Assim, para que a educação possa atuar como força de transformação é imprescindível assumir, na interação pedagógica, a concretude histórica da condição humana. Sobre isso ele afirma:

[...] a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem [e da mulher] abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens [e mulheres]. A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem [e mulher] abstrato nem sobre este mundo sem homem [ou mulher], mas sobre os homens [e as mulheres] em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa (FREIRE, 1987, p. 45)

No seu pensamento e *práxis* pedagógica encontramos, portanto, ressonâncias da maiêutica socrática, pois ele elege o diálogo como centro da sua filosofia da educação. Assim como em Sócrates, Freire defende que a conquista do saber se realiza através do exercício dialético e dialógico das consciências (Freire, 1980; 1982; 1986; 1987; 1996; 1999).

Para ele só é possível constituir uma pedagogia a serviço da libertação e do empoderamento social, se o diálogo for assumido e incorporado como uma metodologia de promoção ontológica das pessoas envolvidas nesse processo. Nesse sentido, a ação dialógica apresenta-se em Freire como uma exigência ético-política intrínseca ao agir pedagógico, assim como foi para Socráticos.

É necessário entender que a maiêutica freiriana se dá em um contexto particular, pois os participantes do diálogo, nos círculos de cultura promovidos pela pedagogia freiriana, não são uma minoria de aristocratas dedicada à especulação, como no período clássico da Grécia Antiga, mas homens e mulheres do povo. São pessoas para as quais as palavras têm vida porque dizem respeito ao seu trabalho, à sua dor, à sua fome, às suas esperanças, à sua cultura.

Nesse contexto, a educação libertária proposta por Paulo Freire, como forma de empoderamento social, constitui-se essencialmente um ato político que se dá na inter-



relação dialógica em prol da promoção da conscientização, da criticidade filosófica e da *práxis* transformadora (Freire, 1999). Nesse sentido, a educação concebida e defendida por ele não pode limitar-se estritamente ao aprendizado de técnicas de alfabetização, nem de conceitos e conteúdos abstratos. Daí a relevância das críticas de Paulo Freire à educação escolar praticada no Brasil, em todos os níveis e ramos do ensino, por ser uma educação bancária que não considerava as necessidades e apelos dos sujeitos envolvidos neste processo. Sobre isso ele afirma que:

Não será, porém, com essa escola desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra ‘milagrosamente’ esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades em que o educando ganhe experiência do fazer, que daremos ao brasileiro ou desenvolveremos nele a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização (FREIRE, 1959, p. 102).

Freire defende o processo educacional como um ato de reflexão, criticidade, argumentação e construção, contrapondo-se, assim, à simples reprodução de ideias impostas, como acontece na educação bancária. Sobre isto ele afirma que:

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isto, não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram por ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores (FREIRE, 2016, p. 169).

Em sua obra *A pedagogia do oprimido*, Freire (1987) enfatiza a sua crítica à concepção bancária da educação, pela qual os educandos eram vistos como meros depositários de informação, como indivíduos que não produzem conhecimento, mas que apenas assimilam ou “decoram o conteúdo”, sem direito a questionamentos.

Nesse contexto, Freire (1999) defende uma educação libertadora, por representar um caminho metodológico de luta, empoderamento e emancipação das práticas pedagógicas retrógradas e alienantes, em contraposição à educação bancária, fruto da opressão socioeconômica em que o educando se encontra submetido.

A concepção de empoderamento social em Paulo Freire



Dentre os conceitos desenvolvidos por Freire em seu referencial teórico e prático, o de *empoderamento* foi um dos importantes à compreensão do seu pensamento. Este conceito se apresenta pela primeira vez na obra *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, escrito em parceria com Ira Shor (1986), onde relatam um diálogo entre os dois autores sobre alguns temas relevantes do pensamento de Freire e dentre eles o conceito de empoderamento. O termo *empowerment*, é usado nesse diálogo no idioma inglês, no entanto nesse artigo adotamos o uso desse termo em sua tradução para o português como forma de melhor aproximação do significado desse conceito para Paulo Freire.

Em Paulo Freire o conceito de empoderamento adquire um significado específico e diferenciado da concepção estadunidense de *empowerment*, como destaca Guareschi (2010) ao se referir ao diálogo dos dois autores sobre esse conceito:

Os autores já de início alertam para os equívocos a que o termo pode conduzir. Previnem que deve ser tomado não no sentido de dar poder a alguém, em que o sujeito “recebe” de outro algum recurso (com merecimento dele ou sem), dentro de uma perspectiva individualista, mas no sentido de ativar a potencialidade criativa de alguém, como também de desenvolver e potencializar a capacidade das pessoas. Dentro do amplo referencial freiriano, é importante realçar que o empoderamento não é apenas um ato psicológico, individual, mas um ato social e político, pois o ser humano, para Freire, é intrinsecamente social e político, é pessoa de relação.

Freire (1986) defende uma concepção de empoderamento como emancipação social, não individual, nem comunitário, nem meramente social, mas um empoderamento ligado à classe social. Sobre isto ele afirma:

A questão do *empowerment* da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. Isto faz do *empowerment* muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta (Freire, 1986, p. 72).

Este conceito adquire, portanto, em Paulo Freire um significado especial de conotação filosófica e educacional, implicando um processo de consciência crítica, de conquista, de avanço e de superação por parte daqueles que se empoderam, como sujeitos



ativos, e não uma simples doação ou transferência de poder por parte de outrem.

Em Freire o sentido do empoderamento se dá, portanto, como expressão categorial de emancipação e libertação social e não individual. Ele afirma não acreditar numa autolibertação e nem em uma autoemancipação, pois considera que tanto uma como a outra são essencialmente de cunho social e coletivo.

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade. (1986, p. 71)

Freire enfatiza que o desenvolvimento crítico dos educandos é fundamental para a transformação da sociedade. No entanto ele destaca que somente a curiosidade e a percepção crítica da realidade não são, por si sós, suficientes para essa transformação. É imprescindível que essa aprendizagem tenha uma relação ativa com a transformação mais ampla da sociedade.

Por meio desse processo de empoderamento os indivíduos tomam posse de suas vidas, de suas histórias, na interação com outros indivíduos, favorecendo, assim, a construção da capacidade pessoal e social de transformação das relações sociais de poder (1986, p. 135). Neste sentido, como reafirmam Schiavo e Moreira (2005, p. 59), a categoria de empoderamento, na concepção freiriana, implica essencialmente,

a obtenção de informações adequadas, um processo de reflexão e tomada de consciência quanto à sua condição atual, uma clara formulação das mudanças desejadas e da condição a ser construída. A estas variáveis, deve se somar uma mudança de atitude que impulse a pessoa, grupo ou instituição para a ação prática, metódica e sistemática, no sentido dos objetivos e metas traçadas, abandonando-se a antiga postura meramente reativa e perceptiva.

Freire (1980) ressalta, ainda, que o empoderamento como emancipação social envolve um processo de diálogo e consciência que não se dá de forma isolada, mas através da relação dialética que homens e mulheres estabelecem entre si, mediados pelo mundo, num ato de ação-reflexão, promovendo, assim, a passagem de um pensamento ingênuo para uma consciência crítica de si mesmo e da realidade social em que estão inseridos.



Sobre a fundamental importância da educação dialógica no processo de conscientização dos educandos, Freire destaca também que não se trata de uma técnica de ensinar, mas de uma postura epistemológica que envolve a *práxis* como pedagogia libertadora de diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e o contexto social em que se encontram inseridos. Nesse intento, a educação construída por meio do diálogo, ou educação dialógica, constitui-se um importante instrumento de conscientização a serviço da emancipação e empoderamento social dos educandos (Freire; Shor, 1986, p. 123).

Guareschi (2010) destaca a categoria de empoderamento em Paulo Freire, como um eixo que une consciência e liberdade. Sobre isto ele afirma:

Central à visão de Freire está o entendimento de que à medida que as pessoas tomam consciência (conscientização), vão também se libertando (libertação). É impossível ser livre, se não se tem consciência. Mesmo se o simples fato de tomar consciência não leve automaticamente à liberdade, é inegável que só pode ser livre quem tem consciência (p. 147).

Nesse entendimento, o empoderamento social não é algo outorgado, mas essencialmente é resultado de uma *práxis* de reflexão crítica das pessoas, provocadas pela problematização do meio social em que se encontram inseridas. Como destaca Guareschi (2010, p. 148)), a essência do processo pedagógico freiriano consiste no ato filosófico de “fazer a pergunta”. Mas não qualquer pergunta: “a pergunta que liberta, isto é, que o empodera e, conseqüentemente, o faz sempre mais livre.

A concepção freiriana de empoderamento social relaciona-se também à ideia de autonomia, por evidenciar o poder e a capacidade dos sujeitos de decidirem sobre questões que lhes dizem respeito seja no âmbito pessoal, social, político, econômico, cultural, entre outros, por meio da promoção do pensamento crítico, da consciência de si e de classe social em prol do engajamento nas lutas pela equidade de direitos e oportunidades (Baquero, 2012).

Entende-se, portanto, que a categoria de empoderamento, na concepção freiriana, corresponde a um processo que se dá na interação social, onde os seres humanos se descobrem e redescobrem, se constroem e reconstroem à medida que dialogicamente problematizam a realidade, visando a uma tomada de consciência a respeito de si mesmos



e de diferentes fatores, sejam de ordem econômica, política, cultural, que incidem sobre a vida das pessoas.

É esta conscientização que, segundo Freire (1980, p. 34), confere “poder” para transformar as relações sociais de dominação em relações de liberdade, autonomia e emancipação, visando a superação das desigualdades e a transformação social.

O empoderamento social dos discentes na EJA

No contexto da educação de jovens e adultos (EJA), Paulo Freire (1986) afirma que o empoderamento social dos sujeitos que retomam seu processo de escolarização se dá na medida em que lhes é conferido o acesso a novas possibilidades de conhecimento, de intervenção e transformação em sua realidade pessoal e social. Nessa concepção, a EJA surge como um potencial espaço de construção do empoderamento dos educandos e, conseqüentemente, como uma nova oportunidade de inserção social.

Freire (1999) evidencia que, o ato de educar deve contemplar o pensar e o construir, contrapondo-se à simples reprodução de ideias impostas, como acontece na educação bancária. Dessa forma, ele defende o processo educacional como um ato político de reflexão, criticidade, argumentação e construção. Por ser um pensador comprometido com a dignidade da vida, Freire não pensa ideias, pensa a existência. Para ele, a educação somente cumprirá seu verdadeiro papel se puder se desenvolver, em todas as suas dimensões, como prática da liberdade.

Ele defende a construção coletiva do conhecimento, no processo de ensino e aprendizagem, ao afirmar que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (1996, p.12). Sobre essa *práxis* pedagógica, Brandão (2005, p.12) afirma:

Ao imaginar uma educação libertadora, como ele a batizou, pensou em um trabalho pedagógico com um profundo e largo sentido humano. Um ofício de ensinar-e-aprender destinado a desenvolver em cada educando uma mente reflexiva, uma amorosa sensibilidade, um crítico senso ético e uma criativa vontade de presença e participação da pessoa educada na transformação de seu mundo.

Nesse sentido, segundo Freire, para que a escola cumpra seu verdadeiro papel, ela



precisa se desenvolver, em todas as suas dimensões, como prática da liberdade. Sobre isto, Gadotti (2008), destaca que esta ação deve consistir em:

Visibilizar o que foi escondido para oprimir, dar voz aos que não são escutados; é educar para conscientizar, para desalienar, para desfeticizar, para desmercantilizar a vida; é educar para a emergência do que ainda não é, o ainda-não, a utopia; é também educar para a ruptura, para a rebeldia, para a recusa; é fazer da educação, tanto formal, quanto não-formal, um espaço de formação crítica e cidadã, [...] é educar para mudar radicalmente nossa maneira de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta, portanto, é uma educação para a sustentabilidade (p. 99-100).

Para este intento, Paulo Freire defende que é fundamental reconhecer a importância do papel do professor, como mediador desse processo, diante dos desafios de desenvolver uma educação crítica e dialógica que vá além da transmissão de conteúdos, e para isso é prioritário investir em sua formação.

A natureza formadora da docência, que não poderia reduzir-se a puro processo técnico e mecânico de transferir conhecimentos, enfatiza a exigência ético-democrática do respeito ao pensamento, aos gostos, aos receios, aos desejos, à curiosidade dos educandos. Respeito, contudo, que não pode eximir o educador, enquanto autoridade, de exercer o direito de ter o dever de estabelecer limites, de propor tarefas, de cobrar a execução das mesmas. Limites sem os quais as liberdades correm o risco de perder-se em licenciosidade, da mesma forma como, sem limites, a autoridade se extravia e vira autoritarismo (Freire, 1997 p. 39).

Como ressalta Araújo *et al* (2018, p. 192), Freire evidencia a importância da formação permanente do professor pesquisador, com o devido rigor científico, para que ele possa desempenhar uma prática de mediação dialógico-reflexiva e criar condições de construção do conhecimento em sala de aula, realizando, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre sua prática educativa. Sobre isto, Paulo Freire (1996) afirma que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (p. 25).

Para que esse processo dialético aconteça, a relação entre educador e educando deve ser dialógica, respeitando às diferenças e não impondo um conteúdo sem reflexão



crítica, sem significado e sem sentido. Freire (1996) destaca que nesse processo, não há aprendizado se o educando não é capaz de recriar ou refazer o que aprendeu.

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino que não resulta num aprendizado, em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (p. 23-24).

Freire (1996) considera que o educador deve ser aquele que promove, na sua prática pedagógica, a capacidade crítica dos educandos, fortalecendo e instigando sua curiosidade, encorajando-os ao questionamento e ao debate, criando condições para o desenvolvimento dialógico da criticidade sobre o conteúdo. E, segundo ele, isso só se torna possível pela mediação de um educador democrático. Ele afirma que somente com esta mediação

os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (Freire, 1996, p. 29).

Na perspectiva freiriana, educar para a liberdade e o empoderamento social é ir além do ato de instrumentalizar uma pessoa, ou seja, é envolvê-la em conhecimentos e práticas científicas e transformadoras, é estimulá-la a desenvolver seu potencial de estar no mundo de forma autônoma e consciente, como construtora de uma nova realidade social mais justa e sobretudo mais humana. Ele defende a ideia de uma educação que promova nos educandos uma consciência cidadã e emancipadora, ao afirmar que

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] (Freire, 1980, p. 39).



De acordo com Dayrell (2005), para que os educandos da EJA se tornem seres reflexivos e críticos é fundamental que a educação escolar seja pautada numa pedagogia que busque a mediação e o diálogo entre o educador e o educando, criando condições para que este tenha consciência de si como sujeito e agente transformador de sua história. Ao se reportar às especificidades dos educandos jovens e adultos, Dayrell (2005, p. 53-54) explicita que:

essa modalidade de ensino abrange os sujeitos, e não simplesmente os “alunos” ou qualquer outra categoria generalizante, e mais: sujeitos que estão situados num determinado tempo da vida, possuindo assim especificidades próprias. Ou seja, deixa claro que essa modalidade lida com dois tipos de sujeitos – jovens e adultos – que, pelo lugar que ocupam nos tempos da vida, possuem realidades específicas e assim apresentam demandas e necessidades também específicas.

Dayrell (2005), destaca que, para que o educando se desenvolva como um ser reflexivo, crítico e empoderado, é fundamental que o educador assuma uma posição de mediador no processo de aprendizagem, e não de autoridade absoluta, como único detentor de conhecimento. Ele reafirma que o respeito pelo educando e ao seu protagonismo na construção do próprio aprendizado é essencial na prática pedagógica.

Um outro fator relevante destacado por Giroux (2012) para que a educação seja emancipadora e promova o empoderamento dos sujeitos da EJA, é a criação e priorização de espaços democráticos no ambiente escolar, por meio dos quais os educandos possam compartilhar suas dúvidas, conhecimentos e sentimentos sem medos ou constrangimentos, exercendo o seu poder de participação.

Essa ação pedagógica é essencial para estimular os educandos a lerem e compreenderem o próprio contexto vivido, ampliando os saberes construídos para que, por meio do diálogo reflexivo, se sintam encorajados e empoderados a transformarem suas vidas, suas realidades com autonomia. Como afirma Severino, no prefácio da obra de Paulo Freire: *A importância do ato de ler* (1989, p. 7):

a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas



numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político.

No prefácio da *Pedagogia do oprimido* (Freire, 1987, p. 7) o professor Ernani Maria Fiori destaca que o ato libertador de “dizer a palavra verdadeira” é um poderoso ato de humanização que confere poder e cidadania. Sobre isto ele afirma que:

com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitários (1987, p. 7).

Nessa perspectiva, Freire enfatiza que “dizer a palavra” constitui-se um ato político constituído por duas dimensões intrínsecas: ação e reflexão, que interagem radicalmente formando o que ele denomina de “palavra verdadeira”. Ele evidencia também que, no âmbito da escolarização, o ato pedagógico de “dizer a sua própria palavra”, requer uma *práxis* socioeducativa concebida na interação dialógica com outros sujeitos desse processo, mediatizados pela leitura e reflexão crítica dos saberes formais, de suas relações sociais e do mundo (Freire, 1987),

Giroux (2012, p. 05) ratifica o pensamento freiriano ao afirmar que a educação escolar, na perspectiva de uma educação libertadora, pode e deve ser um importante mediador para a construção do empoderamento dos sujeitos da EJA, pois considera que quando o educando passa a “ler” o mundo e a refletir sobre os processos sociopolíticos nele envolvidos, aí sim ele pode se tornar um agente de transformação social.

Neste sentido, Freire (1987) defende uma educação que promova a dialogicidade em todos os processos pedagógicos, para que o “direito de voz”, como ato de empoderamento social, não seja privilégio de alguns seres humanos, mas direito de todos. Nessa perspectiva educacional, a aprendizagem implica a esfera da reflexão crítica e da conscientização do que representa o libertador ato existencial de “dizer a própria palavra”, como um direito humano de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir e optar (Cf. Bastos, 2010, p. 128).



Considerações finais

No corpo teórico-conceitual das obras de Paulo Freire, percebe-se que o seu pensamento educacional está pautado na ideia de uma educação transformadora como prática da liberdade, voltada para a conscientização, diálogo, autonomia e empoderamento social dos educandos envolvidos nesse processo.

Neste sentido, a categoria de empoderamento social inserida no universo da educação escolar de jovens e adultos é definida por Paulo Freire como um importante processo de formação de cidadãos emancipados, capazes de perceberem, refletirem e interpretarem sua realidade social em prol de uma participação consciente e engajada nos processos de transformação social.

Reitera-se aqui a necessária reflexão sobre o poder de uma educação orientada para a criação de disposições cognitivas reflexivas e críticas, favoráveis ao diálogo, à participação e protagonismo dos sujeitos envolvidos neste processo, à deliberação coletiva, à autonomia, para que a educação desenvolvida nos ambientes escolares, seja, por essa via, uma educação que promova a consciência e o exercício da cidadania, da autonomia e do empoderamento social dos seus educandos, como defendia Paulo Freire.

Referências

ARAÚJO, E. P. da S. et al. *Cidadania e educação na perspectiva de Paulo Freire*. In: Gadotti, M.; Antunes, Â.; Abreu, J. e Padilha, P. R. (Org.). *A Escola dos Meus Sonhos*. (E-book).2018, p.332. https://www.paulofreire.org/download/eadfreiriana/E-book_A_Escola_dos_meus_Sonhos.pdf.

BASTOS, F. da P. Dizer a sua Palavra. In: Streck, D., Redin, E., e Zitkoski, J. J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Editora Autêntica. 2010, p. 127-129.

BAQUERO, R. V. A. *Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual*. Revista Debates, v. 6, n. 1, 2012. p.173-187. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.26722>

BEISIEGEL, C. de R. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.



BRANDÃO, C. R. *Paulo Freire, educar para transformar*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

DAYRELL, J. T. A juventude e a educação de jovens e adultos: reflexões iniciais novos sujeitos. In: Soares, L.; Giovanetti, M. A.; Gomes, N. L. (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Autêntica, 2005. p. 53-67.

FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. Tese de concurso para a cadeira de história e filosofia da educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, P. & SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. *Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, M. Por que devemos continuar estudando Freire? In: Scocuglia, A. C. *A História das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. Ed. Universitária/UFPB, 1999.

GADOTTI, M. *Reinventando Paulo Freire no século XXI*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.



GIROUX, H. Alfabetização e a Pedagogia do Empowerment Político. In: Freire, P. & Macedo, D. (Orgs). *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002, p. 33-77.

GUARESCHI, P. Empoderamento. In: Streck, D., Redin, E. & Zitkoski, J. J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010, p. 147-148.

SCHIAVO, Marcio R.; MOREIRA, Eliesio N. *Glossário Social*. Rio de Janeiro: Comunicarte, 2005.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2010.